



VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER: Impactos Psicológicos

KAROLINE PEDROSO REIS, JUCILEIDE NASCIMENTO DA SILVA, WALTERJANE FURTADO
WANDERLEY e EDILMARA PATRICIA ROCHA

A violência contra a mulher é um fenômeno de raízes historicamente culturais, que tem presente como analogia o poder do homem, a dominação masculina canalizada por meio da violência e está presente em diversos âmbitos e níveis sociais, sendo um fenômeno complexo, pois, ocorre frequentemente dentro do espaço familiar e se manifesta nas formas físicas, psicológicas, sexuais, moral e patrimonial. A violência psicológica é caracterizada por ameaças de morte, humilhação, utilização de adjetivos agressores e opressores, como xingamentos, além da opressão da vítima em realizar atividades fora de casa, até mesmo, não permitindo que a mesma tenha contato com outras pessoas. O estudo objetiva visar os impactos psicológicos que estas vítimas sofrem com a violência doméstica. Consiste em uma pesquisa bibliográfica, realizado através de coleta de dados, sendo efetuadas consulta nas bases de dados Lilacs, Pepsic e Scielo, usando descritores relacionados ao tema. Através de uma literatura sócio histórica sobre o tema e de como isso se desenvolveu com o passar das décadas, é importante salientar os principais prejuízos para a estrutura psicológica da mulher. Cada tipo de violência gera prejuízos nas esferas do desenvolvimento físico, cognitivo, social, moral e psicológico. Este último compromete a saúde mental, interfere na crença que a mulher possui sobre sua competência, isto é, sobre a habilidade de utilizar adequadamente seus recursos para o cumprimento das tarefas relevantes na sua vida. É necessário salientar que as consequências desta violência são demasiadamente graves, para tentar suportar essa realidade, a mulher precisa abdicar não somente dos seus sentimentos, mas também de suas ações, comportamentos, crenças e decisões. Com isso, ela passa a desenvolver uma auto percepção de incapacidade, inutilidade e baixa autoestima pela perda da valorização de si mesma e do amor próprio. É imprescindível que este fenômeno não seja compreendido em nível individual e privado, mas sim como uma questão de direitos humanos, pois, além de afrontar a dignidade da pessoa humana, impede o desenvolvimento pleno da cidadania da mulher. Considera-se que a Psicologia não pode ficar alheia a esta realidade, é preciso estar atento às diferentes formas de manifestação de tal fenômeno, entendendo sua articulação com elementos sociais, econômicos e políticos, garantindo uma intervenção que promova um efetivo auxílio ao processo de autodescoberta, fortalecendo a autonomia, a autoestima e o poder de decisão da mulher, propiciando o surgimento de novas alternativas para lidar com esta situação.